



A Relação entre Paulo Freire e a Arte Urbana na Favela: A *Práxis* Pedagógica do Instituto Serviluz¹

Tiago Bruno Areal Barra

UVA (Brasil)

arealtiago@gmail.com

Sahmaroni Rodrigues de Olinda

UFC

sahmaronirodrigues@ufc.br

Nara Camilo Melo

UFC

naracmelo43@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a relação entre a pedagogia de Paulo Freire e as manifestações da arte urbana em territórios periféricos, com ênfase na *práxis* educativa desenvolvida pelo Instituto Serviluz, localizado em Fortaleza - Ce. Em sua perspectiva metodológica, a investigação caracteriza-se como sendo de cunho qualitativo, tendo como base o uso de metodologias participativas que dialogam com a prática do grupo social investigado. Por fim, conclui-se que a arte urbana, enquanto linguagem periférica, torna-se meio de libertação e de construção de consciência crítica. O Instituto Serviluz, inspirado nos princípios freireanos, demonstra que educar é um ato de amor e coragem, um exercício de diálogo e criação coletiva de novos mundos possíveis.

Palavras-chave: Arte Urbana; Instituto Serviluz; Paulo Freire.

1. Introdução

A compreensão freireana da educação rompe com a visão bancária e instrumental do ensino, propondo uma pedagogia comprometida com a libertação e a dignidade humana. Freire (1993) concebe a educação como um ato de intervenção no mundo, no qual educadores e educandos se tornam sujeitos de um processo de transformação mútua. Essa perspectiva implica reconhecer o caráter político da prática educativa, uma vez que ensinar nunca é neutro: todo ato pedagógico expressa uma determinada visão de mundo e uma opção ética diante da realidade.

Freire (1993) resgata a dimensão estética da educação, entendendo-a como um exercício de sensibilidade e criação. A estética, para Freire, não se reduz à contemplação do belo, mas traduz-se na capacidade de imaginar outros modos de viver, de sentir e de sonhar — elementos indispensáveis à formação de uma consciência crítica. O educador estético-político

¹ Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio da bolsa de Pós-Doutorado Júnior (PDJ), processo nº 152655/2024-7.



é aquele que, ao ensinar, também humaniza e desperta nos educandos o desejo de transformar a vida em obra coletiva.

A ênfase no diálogo como eixo central da prática educativa reafirma o caráter horizontal do processo de ensino-aprendizagem. O diálogo freireano não é mera troca de informações, mas uma forma de construção compartilhada do saber, na qual o conhecimento emerge da relação entre a experiência vivida e a leitura crítica da realidade. Por isso, a problematização ocupa papel central: esta convida o sujeito a desconstruir o senso comum, questionar a ordem estabelecida e assumir uma postura investigativa e criadora diante do mundo.

Nesse horizonte, a liberdade assume sentido histórico e concreto. Não é uma abstração idealista, mas o resultado de um movimento coletivo de resistência e de práxis transformadora. A libertação freireana está sempre vinculada à luta pela humanização — processo no qual o homem, ao se conscientizar de sua realidade opressora, passa a agir para transformá-la.

Em *Educação como Prática da liberdade* (2020), Freire aprofunda essa articulação entre alfabetização e conscientização, enfatizando que ensinar a ler e a escrever só faz sentido quando o ato de ler o texto está conectado à leitura crítica do contexto. Alfabetizar, portanto, é também politizar: é possibilitar que os sujeitos compreendam as estruturas de dominação que os afetam e descubram sua potência de intervenção social. A educação libertadora, nesse sentido, é sempre ato de criação e de esperança, na medida em que convoca os oprimidos a assumirem a palavra e, com ela, a autoria de suas próprias histórias.

Em síntese, a pedagogia freireana fundamenta-se na tríade ética, estética e política, articuladas pela ação dialógica. Educar é humanizar, criar e libertar — movimento em que a consciência crítica se torna instrumento de autonomia, e o ato educativo, um gesto radical de amor e transformação do mundo.

2. A Arte Urbana como Práxis Cultural e Política

A arte urbana, nas suas diversas manifestações — grafite, pichação, muralismo, performances e intervenções — configura-se como uma expressão estética e política que traduz as tensões, desejos e resistências dos territórios periféricos. Ferrari e Oliveira (2020) analisam que tais expressões produzem sentidos e pertencimentos que reposicionam os sujeitos e seus modos de existir, pois “a pichação torna-se um problema de diferentes discursos imersos nos jogos de verdadeiro e falso que acabam por constituir esse objeto de



pensamento”. No âmbito do Instituto Serviluz, essas linguagens adquirem um caráter formativo, funcionando como instrumentos pedagógicos de reconhecimento territorial e valorização identitária.

Mais do que um recurso visual, a arte urbana constitui um ato político-pedagógico. Ela transforma o espaço e os corpos que nele habitam, revelando-se como uma práxis cultural que articula estética, ética e consciência crítica. Nascida das margens urbanas, não tem função decorativa, mas sim comunicativa e insurgente, pois inscreve nas ruas uma narrativa coletiva e histórica que desafia o silenciamento imposto às periferias. Nesse sentido, a arte urbana não apenas representa o real — atua sobre ele, modificando-o —, em diálogo direto com a pedagogia freireana.

Freire (1993) compreende que toda prática educativa, e por consequência toda ação cultural, é também um gesto político, pois envolve escolhas e intencionalidades situadas historicamente. Assim como o educador popular, o artista de rua é um sujeito engajado na leitura e transformação do mundo. A expressão artística urbana pode ser entendida como uma “leitura do mundo antes da leitura da palavra” (Freire, 2020, p. 12), pois traduz visualmente as experiências de exclusão, resistência e pertencimento que atravessam os sujeitos periféricos.

Cada traço, cor ou gesto criador constitui um ato de reexistência — resistência simbólica frente às lógicas que desvalorizam culturas e corpos. O caráter político da arte urbana não se funda em militância partidária, mas em sua potência de reconfigurar o comum, tensionar os critérios de legitimidade artística e instaurar diálogo nos espaços coletivos.

Na dimensão pedagógica, a arte urbana aproxima-se do círculo de cultura freireano: o território urbano se torna um espaço de aprendizagem, reflexão e troca. O grafiteiro, o poeta do *slam*, o dançarino e o performer da favela são mediadores de processos de conscientização estética e social. O gesto criativo, nessa lógica, é simultaneamente ato de amor e denúncia, pois desvela as contradições sociais e convoca à ação transformadora. Como observa Freire (1993, p. 33), “a prática educativa deve ser uma crítica da opressão real em que vivem os homens e uma expressão de sua luta por libertar-se”. A arte urbana realiza esse princípio ao converter o estético em ético e o belo em político, instaurando uma verdadeira pedagogia das ruas.

Canclini (2008) aponta que a modernidade latino-americana é atravessada por dinâmicas de hibridação cultural, que desfazem as fronteiras entre erudito e popular, centro e periferia, arte e política. A arte urbana expressa com intensidade essa hibridação, pois emerge das periferias, dialoga com linguagens globais e preserva a singularidade territorial de onde nasce.



Essas práticas híbridas produzem saberes que escapam às hierarquias acadêmicas e configuram epistemologias do cotidiano, revelando o que se pode chamar de saberes periféricos. Os artistas urbanos atuam como intelectuais orgânicos da favela, produtores de uma pedagogia viva que enfrenta a colonialidade do saber e propõe novas formas de conhecer e sentir o mundo.

Inspirando-se em Maturana (2001), pode-se afirmar que a arte urbana é também um ato de convivência e reconhecimento mútuo. Criar no território, com o território e para o território significa instaurar espaços de afeto, pertencimento e legitimidade. Para o autor, educar é conviver de maneira legítima com o outro; nesse sentido, a arte urbana educa ao promover encontros e afetos que fundam novas comunidades.

Essa dimensão afetiva é, simultaneamente, política. Ao substituir o medo pela estética do encontro, a arte urbana atua contra os processos de desumanização gerados pela exclusão social. Quando articulada a projetos educativos e comunitários — como o Instituto Serviluz —, transforma-se em práxis social e emancipadora. Mais do que visual, ela é cidadã: convida os sujeitos a interpretar e reescrever o espaço que habitam, numa ação-reflexão que encarna o princípio freireano de práxis transformadora.

Desse modo, o artista periférico não ocupa o lugar do marginal, mas o do intelectual público que enuncia novas narrativas para a cidade. A arte urbana, portanto, materializa uma forma contemporânea de educação popular em movimento — uma pedagogia das cores, das vozes e dos corpos que insistem em existir, reencantando o mundo e tornando visível aquilo que por muito tempo foi silenciado.

3. O Instituto Serviluz: Entre a Educação Popular e a Estética Periférica

O Instituto Serviluz atua no bairro Serviluz, região de vulnerabilidade social em Fortaleza-Ceará, desenvolvendo em uma de suas áreas de atuação², projetos de arte-educação que integram oficinas de grafite, audiovisual, música e formação cidadã. Essas práticas se ancoram na pedagogia freireana ao propor uma educação dialógica, comunitária e crítica, que reconhece o saber da experiência e o cotidiano como espaço de produção de conhecimento. Segundo Maturana (2001), educar é conviver — é transformar-se no encontro com o outro. Essa convivência é visível nas oficinas do Instituto, nas quais os jovens aprendem e ensinam simultaneamente, num processo de co-aprendizagem coletiva.

² As áreas de atuação trabalhadas pelo Instituto Serviluz são: educação, arte, cultura, esporte e meio-ambiente.



O Instituto Serviluz uma articulação com as universidades públicas, mais precisamente, realiza esse movimento com a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), ampliando a dimensão da Extensão Universitária como possibilidade dialógica de saberes dentro da sua *práxis*. O Projeto Freirear, desenvolvido em parceria com o Prof. Dr. João Batista de Albuquerque Figueiredo, exemplifica essa integração entre pesquisa, ensino e extensão, possibilitando trocas entre saberes acadêmicos e populares. Essa relação encarna a visão freireana de uma educação como prática de liberdade, que rompe com a hierarquia entre quem ensina e quem aprende, instaurando uma *práxis* comunitária e transformadora.

O Instituto Serviluz (IS) consolida-se como uma experiência sociopedagógica singular, nascida da necessidade de ressignificar um território historicamente marcado pela vulnerabilidade e pelo estigma. Localizado no bairro Serviluz, em Fortaleza (CE), o Instituto emerge como um laboratório vivo de educação popular, onde a arte, a cultura, o esporte e o meio ambiente se tornam linguagens de emancipação e afirmação identitária.

Nesse contexto, o IS atua sobre o que Paulo Freire denominaria “situação-limite” — as condições de opressão e carência que, problematizadas, tornam-se ponto de partida para a ação libertadora. A favela, longe de ser vista como carência, é tratada como espaço de produção de saberes periféricos, onde a vida cotidiana, as práticas de solidariedade e a cultura local são compreendidas como epistemologias vivas. O território, assim, deixa de ser “objeto de estudo” para se tornar sujeito de conhecimento (Freire, 1987).

O documento definidor que baliza as suas ações sociopedagógicas, intitulado de Projeto Político-Pedagógico (PPP), foi estruturado em 2023 e assume caráter de documento-guia, articulando teoria e prática em torno de uma pedagogia comunitária, dialógica e crítica. Trata-se de uma proposta que, ao se fundamentar na pedagogia freireana, desloca o foco da mera instrução para o encontro formativo entre sujeitos — encontro esse que reconhece a palavra, o trabalho e a ação-reflexão como fundamentos do ser social, retomando o princípio freireano de que “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra” (Freire, 1970, p. 57)

No PPP da instituição, metodologicamente, o mesmo discerne sobre a elaboração do Ciclo Formativo Dialógico, metodologia central do Instituto Serviluz, expressa uma visão de formação integral do sujeito. Estruturado em cinco dimensões — fazer, aprender, sentir, criar e relacionar —, o ciclo propõe uma educação que integra razão, emoção, corporeidade e ação política. Nisto divide-se em “Fazer” (o ato pedagógico como experiência coletiva, solidária e participativa, em oposição à prática competitiva e hierarquizada), “Aprender” (a



aprendizagem como construção partilhada de sentidos, vinculada ao cotidiano e à escuta ativa do outro), “Sentir” (a valorização das emoções e afetos como dimensões legítimas do processo educativo), “Criar” (a capacidade de elaborar novas realidades a partir da reflexão crítica — o aprender que gera invenção e resistência) e “Relacionar” (a educação como teia de vínculos, diálogo e construção de comunidade) (Instituto Serviluz, 2023).

A base teórica e metodológica do Instituto Serviluz é a pedagogia freireana, entendida não apenas como referência, mas como modo de estar e de agir no mundo. O IS operacionaliza a tríade freireana — ação, reflexão e (re)ação — como núcleo de seu processo educativo. Essa tríade constitui um movimento contínuo de práxis, no qual a ação concreta no território (oficinas, vivências e projetos) é refletida coletivamente e retorna em forma de nova prática transformada.

No cotidiano institucional, o diálogo é compreendido como princípio epistemológico e político: escutar o outro é reconhecer sua legitimidade de ser e de saber. A “escuta sensível”, conceito retomado por Barbier (2007) e reelaborado na prática do IS, transforma o espaço pedagógico em lugar de acolhimento e partilha. Nesse sentido, o educador social não é transmissor de verdades, mas mediador de consciências, facilitador de processos de leitura crítica da realidade.

A pedagogia do IS é, portanto, uma pedagogia do pertencimento e da esperança. Ao promover oficinas que integram arte, corpo e comunidade, a instituição reafirma o que Freire chamaria de “educação como prática de liberdade” — processo em que o conhecimento é construído coletivamente e vinculado às condições concretas de existência dos sujeitos

4. A *Práxis* Freireana na Favela

Em sua *práxis*, o Instituto Serviluz trabalha a arte na forma de oficinas de arte que tem como temática central os modos de vida das crianças e adolescentes atendidos pela instituição. A arte urbana é trabalhada da forma mais universal possível, construída a partir de elementos múltiplos oriundos do próprio território. Compõem esse percurso educadores sociais que são pertencentes ao próprio Serviluz, nesse sentido busca-se dar protagonismo à arte urbana desenvolvida por atores sociais locais.

Para dimensionar a potência da *práxis* pedagógica realizada, é importante caracterizar a dimensão metodológica desta investigação. Nisto, importante caracterizar esta como sendo de cunho qualitativo, onde têm-se que a pesquisa qualitativa como sendo um tipo de investigação científica que busca compreender os significados, percepções, experiências e



sentidos atribuídos pelos sujeitos a determinados fenômenos sociais, culturais, educacionais ou psicológicos (Minayo, 2014).

Diferente da pesquisa quantitativa, que se baseia em dados numéricos e mensuráveis, a qualitativa trabalha com a profundidade e a complexidade das relações humanas, explorando o contexto e o processo em que os fenômenos ocorrem. A pesquisa qualitativa é um tipo de investigação científica que busca compreender os significados, percepções, experiências e sentidos atribuídos pelos sujeitos a determinados fenômenos sociais, culturais, educacionais ou psicológicos.

Ainda como ferramenta metodológica, fez-se uso de observação participante. A observação participante é uma técnica de pesquisa qualitativa em que o pesquisador se insere diretamente no contexto estudado, participando das atividades cotidianas do grupo ou comunidade, vivenciando suas práticas, valores e interações sociais. Essa imersão permite compreender os significados que os sujeitos atribuem às suas ações, fenômenos e relações (Bogdan e Biklen, 1994). Auxiliando no processo de observação participante, optou-se por usar imagens das ações de arte desenvolvidas pela instituição. Nesse sentido, em relação ao uso de imagens, têm-se que “(...) lentamente, as várias artes tornam-se capazes de transmitir o que lhes é próprio, e através dos meios que cada uma delas exclusivamente possui” (Kandinsky, 1987, p. 49). A arte, na favela, pode ser a expressão viva de sua identidade e transformação cultural.

5. Arte, Conscientização e Transformação Social

A práxis freireana se materializa no Serviluz como prática cultural emancipatória. O grafite, as performances urbanas e os festivais culturais promovem a leitura do mundo pelos sujeitos, transformando o espaço urbano em território de aprendizagem e resistência. Como aponta Freire (1993), a educação deve estar comprometida com a humanização dos homens e das mulheres, e isso se concretiza quando a arte deixa de ser contemplação para tornar-se ação política. As práticas artísticas do Instituto revelam a potência da favela como produtora de conhecimento e estética, reafirmando os “saberes periféricos” como dimensões legítimas da cultura e da pedagogia.

As oficinas de arte urbana são espaços de fruição da arte e do diálogo que se tem sobre os modos de vida que acontecem no seio da favela. Abaixo estão algumas obras oriundas de oficinas arte urbana ocorridas na instituição. A primeira intitulada “Peixe Urbano” e a

segunda intitulada de “Abraço” desenvolvidas pelos educandos do IS e por artistas urbanos locais:



Imagem 1: Peixe Urbano
Fonte: Instituto Serviluz



Imagem 2: Abraço
Fonte: Instituto Serviluz

Continuando a apresentação da *práxis* da arte urbana no Serviluz têm-se a construção da obra “Rede de Dormir”, a obra “Farol de Tartaruga”, a obra “Sede do Instituto Serviluz”, a obra “Meu Nome”, a obra “Sede do Instituto Serviluz” e a obra “Polvo do Mar”:



Imagem 3: Rede de Dormir
Fonte: Instituto Serviluz



Imagem 4: Farol de Tartaruga
Fonte: Instituto Serviluz



Imagem 5: Sede do Instituto Serviluz (Praia do Titanzinho)
Fonte: Instituto Serviluz



Imagem 6: Meu Nome
Fonte: Instituto Serviluz



Imagem 7: Varanda de Mar
Fonte: Instituto Serviluz



Imagem 8: Polvo do Mar
Fonte: Instituto Serviluz



Pode-se perceber pelas imagens das oficinas realizadas que há uma relação de troca entre os educandos e o educador em questão. Nisto, importante ressaltar que a conscientização, na perspectiva freireana, não se limita ao campo intelectual — ela é também sensível e corporal. Nesse sentido, a arte cumpre um papel pedagógico ao provocar o corpo e o olhar, ao desorganizar percepções e instaurar novas formas de sentir o real. O que Freire (1993) denomina “educação como prática da liberdade” encontra na arte sua concretização estética, pois educar é também sensibilizar para o inédito-viável, para aquilo que ainda não existe, mas pode ser criado pela ação coletiva.

Como reflete Maturana (2001), o processo educativo nasce da convivência e da aceitação legítima do outro. Assim, a arte comunitária cria vínculos afetivos e éticos, gerando campos de convivência estética, onde o sujeito é convidado a se reconhecer e a reconhecer o outro em sua dignidade. O ato artístico, portanto, é também ato de amor e de alteridade — dimensões que Freire considerava fundantes da prática libertadora.

Para Paulo Freire (2020, p. 17), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, e é nesse horizonte que a arte se torna linguagem da conscientização. O grafite, a poesia falada, a dança e o audiovisual, ao emergirem do chão da favela, constituem uma gramática estética da vida cotidiana, na qual os sujeitos narram sua existência e reescrevem o território. A arte urbana, portanto, não apenas representa o mundo, mas o reinterpreta e o transforma, pois faz do muro um livro coletivo e da rua um espaço de diálogo e aprendizado.

Essa leitura crítica do mundo, mediada pela arte, é um ato político porque rompe com a passividade e reivindica o direito à voz. Ela devolve aos sujeitos periféricos a autoria sobre suas próprias narrativas, promovendo um tipo de alfabetização estética que, à semelhança da alfabetização freireana, forma consciência de si e do mundo.

Para Humberto Maturana (2001), toda ação humana está enraizada em uma emoção, e é a emoção que define o domínio de nossas condutas. Educar, nesse sentido, não é transmitir informações, mas viver com o outro na emoção de aceitar a sua legitimidade. Assim, a arte é um modo de educar porque cria espaços emocionais compartilhados — territórios de sensibilidade, empatia e reconhecimento.

No Serviluz, o grafite, a dança, a música e o cinema comunitário não são apenas manifestações culturais: são formas de convivência emocional que ampliam a consciência dos sujeitos sobre si e sobre o coletivo. Quando jovens se reúnem para pintar um muro ou realizar uma performance, não estão apenas representando uma estética — estão tecendo redes de confiança, pertencimento e afeto, que se tornam fundações da aprendizagem libertadora.



Maturana (2001, p. 78) afirma que “educar é gerar, no conviver, um modo de coexistir em que o outro surge como legítimo outro na convivência”. Essa definição encontra ressonância direta na pedagogia freireana, para a qual o diálogo é a substância ética da educação libertadora. Logo, a arte urbana, ao promover encontros entre corpos e vozes diversas, torna-se um ato político de legitimação da diferença.

Outro conceito central de Maturana (2001) é o de linguagem como coordenação de ações e emoções. A linguagem, para ele, não é instrumento de comunicação, mas tecido de interações que gera realidades compartilhadas. Quando um coletivo pinta um mural no Serviluz, não está apenas emitindo uma mensagem visual: está coordenando ações simbólicas e afetivas que reorganizam a percepção da comunidade sobre si mesma e sobre seu território.

Essa compreensão amplia o sentido da conscientização freireana: se, para Freire, conscientizar é ler criticamente o mundo e agir para transformá-lo, para Maturana a consciência emerge da coordenação amorosa das ações no conviver. Portanto, a arte urbana é simultaneamente linguagem e ação, uma “fala sensível” que funda mundos, produz vínculos e instaura novas possibilidades de convivência. A estética torna-se ecologia relacional — uma pedagogia do encontro.

Maturana (2001) propõe o conceito de autopoiese — a capacidade que os seres vivos têm de se produzirem a si mesmos em relação ao meio. Transposto para o campo social, esse conceito permite pensar a comunidade como sistema autopoietico: ela se reinventa a partir das suas próprias relações, símbolos e afetos.

No Serviluz, a arte urbana funciona como mecanismo autopoietico da coletividade. Ao criar, a comunidade se refaz; ao pintar, se reconhece; ao performar, se organiza politicamente. Esse processo é o que Freire chamaria de práxis libertadora — a articulação entre ação e reflexão que produz transformação concreta. A arte, portanto, é um ato de autopoiese estética e política, no qual o sujeito periférico se recria como autor da própria história.

Considerações Finais

A análise da relação entre Paulo Freire e a arte urbana na favela, à luz da práxis do Instituto Serviluz, evidencia a potência política e estética da educação popular. A arte urbana, enquanto linguagem periférica, torna-se meio de libertação e de construção de consciência crítica. O Instituto Serviluz, inspirado nos princípios freireanos, demonstra que educar é um ato de amor e coragem, um exercício de diálogo e criação coletiva de novos mundos possíveis.



Assim, a práxis artística do Instituto Serviluz é exemplo de pedagogia do amor e da consciência. É no gesto de pintar o muro, no ensaio do slam, na batida do tambor ou na performance de rua que se realiza uma pedagogia da libertação e do encontro. Essa convivência é o cerne da transformação: a arte, quando atravessada pela amorosidade e pelo diálogo, converte-se em educação viva, em prática de autonomia e dignidade.

Referências

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília, DF: Liber Livro Editora, 2007. 159p.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2008.

FERRARI, A.; OLIVEIRA, B. **Marcas na Escola: pichação, grafite e subjetividades no ensino com arte**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 45, n. 1, e88923, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KANDINSKY, W. **Do Espiritual na Arte**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

INSTITUTO SERVILUZ. **Projeto Político Pedagógico (PPP): Ano Base 2023**. [s.l.: s.n.].

MATURANA, H. **O que é educar**. Santiago: Dolmen Ediciones, 2001.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

REILY, L.; SIMÃO, S. M. **Arte e Ensino em Espaços Plurais**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 42, n. 116, 2022.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.